

# SABER AMAZÔNIA

Revista da Universidade do Estado do Pará

Maio/Junho - 2014 Edição 3 - Ano I

## **Diversidade da Amazônia em um só lugar**

Herbário reúne cerca de  
4 mil amostras e preserva  
material da flora regional,  
base de estudos do Ensino  
Médio a Pós-Graduação



## Expediente



### DIRIGENTES DA GESTÃO SUPERIOR

**JUAREZ ANTÔNIO SIMÕES QUARESMA**  
Reitor

**RUBENS CARDOSO DA SILVA**  
Vice-Reitor

**ANA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA**  
Pró-Reitora de Graduação

**JOFRE JACOB DA SILVA FREITAS**  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**MARIA MARIZE DUARTE**  
Pró-Reitora de Extensão

**LÉONY LUIS LOPES NEGRÃO**  
Pró-Reitor de Gestão e Planejamento

#### ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

**HELEÍZE ROBERTA OLIVEIRA SENA (2021 DRT/PA)**  
Assessora de Comunicação

**JANINE BARGAS (DRT - PA 2212),  
CACAU BASTOS (DRT - RR 348) E MIGUEL ALVES**  
Jornalistas

**VALÉRIA LIMA**  
Estagiária de Jornalismo

**AMALIA PAES, RAPHAEL FERREIRA E  
RENATA CARNEIRO**  
Produtores

**JOSI MENDES**  
Designer

**THAÍS GENTILE E EDILAINE ABREU**  
Estagiárias de Publicidade e Propaganda

**ANA PAULA SANTANA**  
Web Designer

**BIANCA ALMEIDA**  
Multimídia

ENVIE SUAS SUGESTÕES E  
DIVULGUE SUAS ATIVIDADES  
CONTATOS: (91) 3244-5201/3299-2221  
SITE: [www.uepa.br](http://www.uepa.br)  
E-MAIL: [ascom.uepa@gmail.com](mailto:ascom.uepa@gmail.com)

## Diversidade de espécies e de conhecimentos

A região amazônica está na palma da mão. Aliás, nas páginas da nossa revista. Nesta edição, apresentamos aos leitores a diversidade de espécies e o rico trabalho desenvolvido no Herbário da Universidade. Ele segue em busca das 5 mil amostras para se certificar junto ao Index Kewensis, uma base de dados administrada pelo Jardim Botânico Real de Kew, em Londres.

O conhecimento de comunidades tradicionais abordados em sala de aula, a partir do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, é pauta na

Saber Amazônia. Convidamos-lhe a conhecer a história da aluna Rãrãkrê Gavião.

Outros alunos também têm suas histórias contadas. Estamos falando dos integrantes da Acadêmicos Búfalos de Medicina, dos estudantes de Educação a Distância que usam o YouTube para ensinar matemática e dos discentes de São Miguel do Guamá, que desenvolvem projetos de pesquisa.

Boa leitura!  
Ize Sena e equipe Ascom Uepa



### 18 Pesquisa em Destaque

Um pedaço da Amazônia ao alcance das mãos



### 10 São Miguel do Guamá

Despontando na Pesquisa

### 6 Cultura Medicina, esporte e lazer



### 14 Abre Aspas Marize Duarte

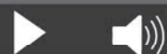
Educação a Distância.....	4
Fonte de Pesquisa.....	8
Universidade e Sociedade.....	26
Ser Uepa.....	30
Artigo.....	32

# Aprendizagem lúdica e conecta da



Professor da Uepa usa jogos e canal de vídeos na web para ensinar matemática

Por Cacau Bastos



A matemática sempre foi vista, pela maioria dos estudantes, como o bicho-papão da escola, e os professores diariamente tentam desmistificar essa visão da disciplina. Para isso, várias ferramentas estão disponíveis para que os educadores chamem a atenção dos seus alunos.

Pensando nisso, o professor Ricardo Alencar, do curso de Licenciatura em Matemática, ofertado à distância por meio de uma parceria entre a Uepa e a Universidade Aberta do Brasil (UAB), abriu um canal de vídeos na internet. De maneira informal, quatro alunos explicam no vídeo como trabalhar as operações matemáticas usando a ludicidade e a contextualização no repasse dos conteúdos.

Nas vídeo-aulas, eles ensinam conteúdos matemáticos com jogos e ilustram operações para facilitar o aprendizado de quem assiste. Em um dos vídeos, os alunos ensinam matemática por meio de sorteios de números, que eles chamam de Bingo das Operações, um jogo que tem como objetivo trabalhar com as quatro operações fundamentais – adição, subtração, multiplicação e divisão – e relacioná-las aos números inteiros.

A internet aliada à educação vira ferramenta para aprender disciplina. As aulas são disponibilizadas na internet e podem ser acessadas em qualquer lugar.

Para os alunos expectadores dos vídeos, o jogo estimula o desenvolvimento de cálculos mentais, relacionados a ganho e perda, à tabuada e ao uso do jogo de sinais. “Trata-se de uma pesquisa dos próprios alunos que transformaram na proposta de ensino. A proposta desta atividade é gravar o vídeo sobre os jogos. Fica para os alunos do curso a missão de desenvolver estas aulas nos seus estágios”, destaca o professor.

O material utilizado para a atividade é acessível: cartelas de bingo; fichas com operações matemáticas, em substituição as

pedras do bingo, e algum tipo de marcador, como grãos de feijão.

Adilson José de Souza, 33, é um dos alunos que apresentam o jogo no canal de vídeo. Para o estudante, usar esta ferramenta proporciona um incentivo a mais para desmistificar e facilitar o entendimento da matemática. “Já usamos o vídeo no estágio e os alunos adoraram, com certeza vou usar quando me formar também”, afirmou o aluno.

O objetivo do professor é produzir uma videoteca de aulas. “Queremos aproximar os futuros professores dos alunos que estão cada vez mais interconectados. Assim, abrimos novas fronteiras de contato com eles e dinamizamos o ensino. E só lembrar que cada vez mais temos os alunos com celulares com acesso à internet. Outras pessoas também podem ter ideias para dinamizar as aulas na graduação e produzir conhecimento para a Universidade”, concluiu. ✂



## VÍDEOS

- Jogos Matemáticos
- Matemática Financeira
- Bingo das Operações

## PLAYLISTS

- Aulas - Ensino Fundamental
- Aulas - Ensino Médio
- Revisão Vestibular 2015

## CANAL

- UEPA BRAGANÇA** é o nome do canal criado pelo professor no YouTube. Os vídeos são disponibilizados e abertos para a comunidade.

# Medicina, esporte e lazer

Um grupo de futuros médicos da Uepa criou uma associação atlética para movimentar a cultura e o corpo dos colegas acadêmicos.

Por Valéria Lima

Alunos do curso de Medicina da Uepa criaram, em 2013, uma associação atlética acadêmica para estimular os estudantes à participação em atividades esportivas e em momentos de lazer.

A Associação Atlética Acadêmica Búfalos da Medicina (AAABM) conta com 14 diretores e mais de 50 associados, que jogam futebol de salão, voleibol, basquete, handebol, e tocam instrumentos na bateria oficial, parte integrante de qualquer associação universitária.

A ideia era uma proposta dos alunos João Carlos Melo e Yuri Santana, que formavam uma das chapas concorrentes nas eleições para o Centro Acadêmico de Medicina José Arrais (CAMJA), em 2012. Mesmo sem ficar na preferência das votações, a dupla percebeu que, na maioria das universidades, associações atléticas e Centros Acadêmicos são distintos e independentes, então, continuaram com a ideia.

Além de fazer com que os alunos participem de atividades esportivas, a AAABM promove competições e intercâmbio com atléticas de outras universidades do estado, do país e até do exterior, sempre com o objetivo de colaborar para o desenvolvimento do desporto universitário.

Para João Carlos, estas atividades chamam atenção para uma vida com mais saúde física e mental dos futuros médicos. “Elas são fundamentais, mas acabam sendo esquecidas devido às dificuldades e exigências do curso de Medicina. Com elas, contribuimos para uma maior integração entre os próprios estudantes, seja nas festas promovidas pela Associação, ou pelas atividades esportivas”, avalia.



Desde 2013, os Búfalos da Medicina já promoveram atividades como a CopaMed e a apresentação da bateria no dia da divulgação do listão do vestibular.



E, em um dos momentos mais marcantes para a Universidade, a divulgação do listão dos aprovados no vestibular deste ano, os Búfalos da Medicina participaram da animação da festa dos calouros com a bateria, formada algumas semanas antes da divulgação. “A ideia despertou o interesse de muitos alunos e os ensaios começaram a lotar de tal forma que tivemos que alugar mais instrumentos. Por fim, tiveram mais ou menos oito ou nove ensaios, e o resultado foi aquele que se viu no dia do listão: um sucesso!”, ressaltou João Carlos.

Além dos eventos e ações próprias, os Búfalos da Medicina também se preocupam em realizar programações em parcerias, como a CopaMed 2013 e a Semana do Calouro de Medicina 2014, realizadas juntamente com o Centro Acadêmico. ✘



No alto, estudantes de Medicina que fazem parte do grupo. Acima, apresentação do grupo no resultado do Vestibular 2014 da Uepa.



## O que são as Associações Atléticas Acadêmicas (AAA)?

São grupos de estudantes do ensino superior responsável pelas atividades desportivas nas universidades. Entre suas atribuições, está a organização de torneios e jogos, por exemplo, assim como a promoção de outras atividades de integração dos acadêmicos. No Brasil, são regidas por uma legislação específica, o Decreto-Lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941.

 A Associação Acadêmica Búfalos da Medicina está na web. Acesse: [facebook.com/AtleticaBufalosDaMedicina](https://facebook.com/AtleticaBufalosDaMedicina)

Quatro livros são destaque na estante da Saber Amazônia nesta edição. Do teatro paraense às doenças infecciosas da região, reunimos publicações lançadas recentemente e que podem ser conferidas dentro e fora da sala de aula.



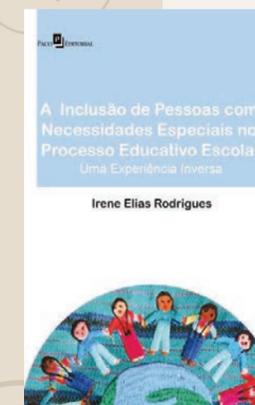
### Memórias Cênicas: Poéticas Teatrais na cidade de Belém (1957 – 1990)

Escrito pelo professor do curso de Licenciatura em Letras da Uepa, Denis Bezerra, e ganhador do Prêmio IAP Literatura, o livro reúne depoimentos de grandes nomes do teatro paraense, entre eles, Maria Sylvia e Benedito Nunes, e João de Jesus Paes Loureiro. Além de possuir registros históricos de recortes de jornais, a obra também traz discussões sobre as poéticas dos grupos em atividade no Pará ao longo da segunda metade do século XX, como o Norte Teatro Escola e o Cena Aberta. O livro pode ser adquirido por R\$ 30 no IAP, ou com o próprio professor pelo e-mail denisletras@yahoo.com.br.



### Cenas da Vida Amazônica

Reeditado em 2013 pela Editora da Universidade do Estado do Pará (Eduepa), o livro, escrito em 1886, por José Veríssimo, é dividido em duas partes. A primeira composta por quatro narrativas: O Boto, O Crime do Tapuio, O Voluntário da Pátria e A Sorte de Vicentina. A segunda parte chama-se Esboços e é composta por pequenos casos ou esboços de situações típicas da região amazônica. São eles: O Serão, A Lavadeira, O Lundum, Indo para a Seringa e Voltando da Seringa. O livro é narrado pelo autor, que analisa a amplitude e a complexidade social, além de refletir sobre os costumes da região. A obra pode ser encontrada na sede da Eduepa e no Quiosque da Editora, na Reitoria, por R\$ 30,00.



### A Inclusão de pessoas com necessidades especiais no processo educativo escolar: uma experiência inversa

Escrito pela professora Irene Elias Rodrigues, do campus da Uepa em Tucuruí, o livro relata a experiência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Odinéia Leite Caminha, criada para atender alunos com deficiência no município de Tucuruí, mas que resolveu integrar, também, alunos do ensino regular. O livro mostra, ainda, as ações pedagógicas que foram realizadas nesse processo, e que são possíveis de serem feitas nas diversas escolas. O livro pode ser encontrado pelos sites das livrarias Companhia dos Livros, Cultura, e pelo da editora Paco, e custa R\$ 38,90.



### Medicina Tropical e Infectologia na Amazônia

A obra aborda, de maneira didática, as principais doenças infecciosas e tropicais que prevalecem no país e, especialmente, na Amazônia brasileira. Em 83 capítulos e 1.762 páginas, o livro reúne trabalhos de 174 autores de diversas instituições de assistência, ensino e pesquisa na área da Saúde do Brasil. O infectologista e professor da Uepa, Raimundo Nonato Queiroz de Leão, é o coordenador e editor científico da obra, que contou com a colaboração dos médicos Habib Fraiha Neto, Cléa Bichara e Pedro Vasconcelos, também integrantes do corpo docente da Uepa. O livro pode ser encontrado nas livrarias Visão, Newtimes, Fox, e na própria Editora Samauma, pelo valor de R\$ 650.



▶ Alunos de Ciências Naturais investigam parasitoses e melhores condições para criação de peixes para a região

# Despontando na pesquisa

Estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, do campus da Uepa em São Miguel do Guamá, desenvolvem estudos voltados à realidade do município e apontam soluções e políticas para os problemas locais.

Por Valéria Lima

Observar a realidade, dar espaço às inquietações acadêmicas, analisar dados e propor reflexões e medidas práticas são traços característicos de quem se insere na pesquisa científica. No município de São Miguel do Guamá, na região Nordeste Paraense, distante 140 quilômetros da capital, Belém, alunos do curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais–Biologia da Uepa têm vivido essas experiências e demonstrando o potencial acadêmico da disciplina.

## Incidência de ascaridíase

Ao observar a grande quantidade de pessoas acometidas pela ascaridíase, doença provocada pelo parasita *Ascaris Lumbricoides*, popularmente conhecido como lombriga, os alunos Joelson Lima e Caroline Oliveira investigaram os fatores que contribuem para a infecção pelo parasita no município. A pesquisa, que iniciou em janeiro, é realizada a partir do material coletado no laboratório do Hospital Municipal de São Miguel do Guamá.

A pesquisa, apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos estudantes e intitulada *Fatores biológicos e socioeconômicos na ocorrência da ascaridíase: Um panorama epidemiológico no Município de São Miguel do Guamá – PA*, dividida em duas etapas. A primeira consistiu no levantamento das análises feitas pelo laboratório do Hospital, e na coleta de dados de um questionário socioeconômico e socioambiental aplicado às pessoas infectadas. A segunda incidu sobre a identificação das regiões da cidade onde há os maiores números de pessoas afetadas e dos fatores que levam ao elevado índice de infecção.

Segundo o professor Danillo, este trabalho é inédito na região. “Não há nenhum tipo de pesquisa nesta área no município. O resultado é significativo para questão do saneamento básico e da higiene. Estes dados serão divulgados na Secretaria Municipal de Saúde, e pretendemos também divulgar nacionalmente, além de propor soluções. Analisamos mil casos e aproximadamente 120 pessoas estão infectadas pelo parasita”. Até o momento, a maioria dos infectados são crianças de 1 a 7 anos, em média.

A pesquisa aponta, entre outros elementos, alguns aspectos socioeconômicos, como a renda dos pacientes, relacionando-a com



Foto Danillo Silva

Alunos Joelson Lima e Caroline Oliveira investigam fatores de contaminação

a incidência da ascaridíase. De acordo com os dados, o rendimento médio varia entre R\$200,00 e um salário mínimo por família (R\$724,00).

O estudo busca, ainda, propor soluções para amenizar a contaminação pelo parasita. De acordo com Joelson, é necessário melhorar o serviço de água e esgoto, além de divulgar informações e incentivar, nas escolas e nas comunidades, medidas de higiene. “Este estudo é necessário para que as medidas sejam tomadas. Com o mapeamento dos lugares onde ocorrem mais infecções, os responsáveis saberão onde atuar diretamente e poderão buscar as melhorias”, ressalta o aluno.

Os resultados finais da pesquisa estão previstos para o mês de outubro.

### Piscicultura

As alunas Pâmella de Araújo Santos e Nayla Ferreira se debruçam na investigação sobre a incidência de parasitas em peixes criados em cativeiro. A pesquisa *Fauna parasitária em peixes da espécie Tilápia (oreochomis niloticus) e Tambaqui (colossoma macropomum) de pisciculturas no Município de São Miguel do Guamá-PA*, conta com a parceria da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) no Pará.

Sob a orientação do professor Danillo Silva, dois grupos de alunos têm investigado problemas na área da saúde e na criação de peixes em cativeiro. A partir dos dados coletados, os estudantes avaliam propostas de soluções da Universidade às comunidades.

Pesquisa auxilia produtores e busca soluções para reduzir a incidência de parasitas no cativeiro

“Elas já tinham feito a parceria com um técnico da Emater, achei a ideia muito boa, e comecei a orientar como fazer a coleta. A partir daí, vamos fazer uma quantificação e a identificação do parasita, quais espécies estão infectando os dois peixes, e relacionar com a análise físico-química da água, o que pode está influenciando”, afirma o professor Danilo.

As alunas começaram a pesquisa no dia 10 de fevereiro deste ano com uma visita a duas pisciculturas. A intenção inicial era realizar a pesquisa em 20 das 52 existentes no município, mas, segundo o professor, devido à aproximação feita com os produtores, o estudo deverá ser realizado em todas as pisciculturas da cidade. Para Pâmella, a pesquisa contribuirá, principalmente, com os produtores do município, visto que, geralmente, há uma carência do conhecimento técnico sobre o tratamento da água e sobre a causa da mortandade dos peixes nos tanques. “Os produtores estão reclamando. Um deles disse que os animais, em um dos tanques, estavam morrendo. Segundo ele, o tanque estava com uma ‘gosma verde’, mas, na verdade, são fungos, bactérias e outros parasitas”, afirma a aluna.

Além de auxiliar os produtores, a pesquisa contribui para a sistematização de dados e para a elaboração de conhecimento acadêmico sobre o tema, ainda escasso no Brasil. “É um trabalho bem detalhado. São poucas pessoas conhecidas para falar sobre o assunto e, normalmente, estas pessoas trabalham com fungos e bactérias. Quando encontramos um trabalho sobre outros parasitas, todos são de fora do país, em inglês ou espanhol. Difícilmente temos um trabalho de um pesquisador brasileiro”, afirma Pâmella.

A pesquisa busca, ainda, identificar os parasitas e as estratégias para combatê-los. Após a conclusão, a pesquisa, que faz parte do TCC das alunas, será disponibilizada à Emater, com a intenção de orientar os futuros produtores na criação dos peixes. ✨



Fotos Ascóm Emater



# A importância da Extensão

A pró-reitora de Extensão da Uepa, Marize Duarte, fala sobre a interlocução entre alunos e professores da instituição com os mais distintos setores sociais por meio de programas e projetos. Além dos ganhos institucionais, Marize Duarte também revela a riqueza e os ganhos pessoais e profissionais proporcionados pelas experiências vividas junto aos mais diversos setores da sociedade.

Por Ize Sena

## Saber Amazônia - Qual a importância das atividades extensionistas para a instituição?

**Marize Duarte** - Considero que as atividades extensionistas são essenciais para a compreensão da realidade social, logo uma Instituição de Ensino Superior – IES, da envergadura da UEPA, que detém como princípio básico contribuir para o desenvolvimento sustentável da Amazônia mediante o processo de interação entre universidade e sociedade, fundamentado nos conhecimentos e práticas produzidos nas áreas de educação, saúde e tecnologia, tem que incentivar mediante editais, cursos, seminários, debates, registrar as ações através de revistas, cadernos de extensão, etc.

É o que podemos observar em construção nas ações da Uepa. E, assim, garantir os funda-

mentos essenciais da extensão universitária como a interação dialógica com os movimentos, setores e organizações sociais mediante a troca de saberes construídos pelos cientistas e pelas comunidades em sua prática cotidiana e, principalmente, da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, na qual se interpreta a extensão universitária, como processo acadêmico, no sentido de que as ações de extensão estão diretamente associadas ao ensino, mediante ao processo de formação de pessoas e, na pesquisa, pela geração de conhecimento. Logo decifrar os mundos – cultura dos diversos grupos sociais – seria o grande ganho das ações extensionistas para a instituição.

## SA - E para os alunos?

**MD** - Quando penso na extensão universitária, penso nos estudantes que atuaram no Cen-

tro Popular de Cultura (CPC), quando mobilizaram, mediante as mais diversas linguagens, os estudantes do país. Imagina, se nós conseguíssemos mobilizar os estudantes dos nossos vinte núcleos com base no teatro, na dança, na música, na literatura, nas feiras de livros, nas oficinas diversas, nos cursos de extensão - filosofia, movimentos sociais, artes plásticas e visuais, cinema, etc. - percorrendo vários rincões paraenses para estabelecer contatos além das bases universitárias com os operários e os trabalhadores rurais.

A juventude uepeana, os docentes e os funcionários decifriariam o conhecimento das mais diversas culturas e realidades sociais, e, assim, a ênfase ocorreria, também, na necessidade de incorporação de estudantes de pós-graduação em ações extensionistas. Seria uma forma



◀ Em meio aos alunos, a professora acredita na extensão como processo acadêmico indissociado do ensino e da pesquisa

de produção do conhecimento, junto aos programas de especialização, mestrado, doutorado visando à qualificação das atividades de extensão de forma agregada à produção acadêmica em formato de teses, dissertações, livros ou capítulos de livros, artigos em periódicos, cartilhas, trabalhos de conclusão de curso de graduação e especialização, filmes ou outros produtos artísticos e culturais.

Observa-se, portanto, que as atividades extensionistas são essenciais para garantir, no processo de formação dos estudantes, a ampliação do universo de referência nos campos teórico, metodológico e empírico, que viabilizem a flexi-

bilização curricular e a integralização de créditos obtidos de extensão universitária.

## SA - Qual o cenário da extensão na Uepa? Quantos projetos e programas estão em vigor? Há como fazer um balanço dos dois últimos anos?

**MD** - O cenário que se vislumbra da Extensão na Uepa aponta para o crescimento das ações orientadas pelos Editais internos – Programa de Apoio às Atividades de Ensino/Extensão, Programa Campus Avançado, Programa Uepa nas Comunidades – e externos – Programa de Extensão Universitária – MEC/SESu e ampliação de novas ações que visam atingir o conjunto dos

1911

Surgem as práticas de extensão universitária no Brasil. Universidade de São Paulo (USP) promove cursos e conferências relativos à área.

1920

Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa promove prestações de serviços à comunidade

1950  
1960

União Nacional dos Estudantes (UNE) organiza atividades por meio do Centro Popular de Cultura (CPC), com artistas de diversas linguagens: música, teatro, dança, cinema e literatura

1964  
1985

Em meio à ditadura militar destacam-se as criações do Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária, do Projeto Rondon e da Lei Básica de Reforma Universitária (Lei nº5540/68)

1970

Os Ministérios da Educação e da Cultura criaram a Comissão Mista para propor medidas destinadas à institucionalização e fortalecimento da Extensão Universitária. Em 74, esta Comissão cria a Coordenação das Atividades de Extensão (CODAE), que elabora o Plano de Trabalho de Extensão Universitária.

núcleos da Uepa e, como experiência em fase de consolidação, evidenciamos o Cineclube-Uepa, que se efetivou pela criação da representação da Proex, nos quinze núcleos, com base no Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade.

Em 2013, foram 108 programas/projetos aprovados; destes, apenas 10 não foram executados. Até o final de 2014, serão concretizados mais 108 com recursos do tesouro e, com recursos de origem externa, 19, totalizando 128 programa/projetos nas áreas da educação, saúde e tecnologia. Observa-se, portanto, crescimento com tendência à aprovação de mais projetos em função de novos editais em fase de apresentação.

“As atividades extensionistas são essenciais para garantir, no processo de formação dos estudantes, ampliação do universo de referência”

**SA - No âmbito das atividades desenvolvidas, como a Uepa se relaciona com outras instituições? Há parcerias?**

**MD** - A Proex vem buscando parcerias com diferentes organizações, sejam elas públicas, estaduais e municipais, empresas privadas, organizações não-governamentais, movimentos sociais, organizações de bairros. Institui-se, portanto, uma relação de articulação para garantir aos nossos estudantes os estágios de extensão, porque acreditamos na necessidade de ampliação do universo de referência de nossos estudantes numa ação dialógica.

Em maio de 2013, reunimos com representantes de 37 prefeituras do Pará e continuamos a con-

vocar outras representações para o diálogo. Trocamos experiências com a Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra) e com a Universidade Federal do Pará (UFPA), que muito nos ajudam a dirimir dúvidas, processos, etc.. Conversamos, também, com o Instituto de Terras do Pará (Iterpa), com a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação do Pará (Secti), e, no momento, estamos em fase de articulação com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater) e Secretaria de Estado de Agricultura do Pará (Sagri), e outras, em fase de contatos.

**SA - A Revista Multiplicações será relançada em breve. Qual a avaliação da contribuição desse periódico para a disseminação da extensão da Uepa?**

**MD** - A Revista Multiplicações detém como princípio o registro das ações de extensão. Ressalte-se que o volume de informações existente na Proex é significativo, mas ainda carece de registro, porque somente desta forma poderão ser conhecidas as experiências vivenciadas pelos docentes, discentes e técnicos da Universidade.

Este periódico revelará de maneira clara como se faz extensão na Uepa. Logo revelaremos como ocorrem os cursos, os seminários, os encontros, as oficinas e suas representações sociais, econômicas, políticas e culturais.

**SA - Fale sobre as novidades da próxima edição da Revista. O que o público pode esperar?**

**MD** - A Revista Multiplicações foi criada em 2004, sua última publicação foi em 2007, e, hoje, é o nosso sonho reeditá-la. Vamos fazer isso em formato digital com artigos e resumos críticos. Em sua quinta edição, ela apresenta em seu conteú-

do artigo que trata da história, estrutura e experiências de ações de extensão na Uepa e 11 resumos críticos que tratam das experiências de ações de extensão em educação e cultura; 11 experiências de ações de extensão em saúde, trabalho e qualidade de vida; seis experiências de ações de extensão em tecnologia, meio ambiente e sustentabilidade; além de entrevista com o professor Benedito Ely Valente da Cruz, que trata de experiências de ações dialógicas no município de Salvaterra, na Ilha do Marajó.

A partir do próximo número serão registrados os artigos, que tratam da execução das ações de extensão. O público em geral e acadêmico vivenciará as formas de expressão da extensão universitária uepeana.

**SA - Em relação aos eventos, como eles fomentam o debate e as práticas extensionistas? E de que forma a Uepa esteve inserida no 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, que ocorreu em Belém?**

**MD** - Acredito que são ações de envergadura que a equipe da Proex terá que enfrentar e adquirir experiências nesse campo. Considero que a criação de

novas formas metodológicas de extensão se efetivarão a partir do debate intenso de suas ações que, em um primeiro momento, advirão dos relatos de experiências, das rodas de conversa. Acredito, também, na mudança pela comunicação, porque, se não debatermos em conjunto, dificilmente criaremos uma forma nova de extensão.

Quanto à participação no 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (6º CBEU), fizemos uma mobilização intensa com o objetivo de envolver nossos alunos. Atuamos na construção do Congresso, que foi realizado em Belém, no período de 19 a 22 de maio deste ano. Estivemos juntos com a instituição acolhedora, a Universidade Federal do Pará, e com a Ufra e outras Instituições de Ensino Superior. Montamos, também, um estande, que apresentou as nossas experiências de extensão. Além disso lançamos os Cadernos de Extensão, contendo programas/projetos dos editais internos e externos.

**SA - Qual a sua experiência extensionista mais marcante?**

**MD** - Na primeira metade do século XXI, enfrentei uma situação, sem dúvida inusitada. Os alunos do curso de Ciências da Religião, em sua maioria, e par-

ticipantes do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Cidadania na Amazônia (GMSECA) desejavam participar do Projeto Rondon e me convidaram para trabalhar em conjunto com eles na organização das ações. Naquela época, atuava na Chefia do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Uepa e tinha muitos “senões” em relação ao Projeto Rondon, mesmo sabendo das mudanças ocorridas. Mas resolvi atender ao pedido dos alunos.

Organizamos diversas oficinas, inclusive, relacionadas à rádio comunitária, ao esporte, ao lazer, às questões ambientais, etc. Fomos para o município de Medicilândia e fizemos um trabalho muito bom junto à comunidade, com teatro, dança, música, esporte e lazer. Enquanto os alunos apresentavam os seus trabalhos, pude conhecer os plantadores de cacau da região e comprovar a forma de cultivo e secagem do cacau, com base em barcaças, que é diferente da produção feita pelos trabalhadores do cacau em Cametá. Acredito que quando retornamos a Belém não éramos os mesmos, porque havíamos redefinido o nosso universo de referências. ✖

1970  
1980

Grupos sociais organizados ganham visibilidade com o surgimento de movimentos populares, sindicais e partidários. No ensino superior foram redefinidas a concepção de universidade pública, as práticas de ensino e as ações extensionistas.

1987

Reconhecimento legal das atividades extensionistas, criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) e redefinição do conceito de extensão, com base na indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa.

1998

Elaboração e aprovação do Plano Nacional de Extensão, que define como pontos essenciais a unidade nacional aos programas e temáticas e a garantia de recursos financeiros para execução de políticas públicas.

2003  
2005

Primeira operação nacional da nova fase do Projeto Rondon. Forças Armadas e UNE são responsáveis pela coordenação e logística visando a melhoria das condições de vida da população do meio rural

Dias atuais

Extensão universitária está em fase de consolidação, mas já apresenta instrumentos propositivos essenciais para atingir em nível de excelência, a interação com a sociedade e a troca de saberes

# Um pedaço da Amazônia ao alcance das mãos

Herbário da Uepa preserva acervo com amostras de mais de quatro mil plantas coletadas na região amazônica

Por Ize Sena

**B**asta abrir a porta de uma das salas localizadas no prédio 'Castelinho', no Campus I da Uepa, para perceber a riqueza de materiais e de conhecimento científico disponível ao público. Nos armários, as amostras coletadas e organizadas em excicatas. Nas prateleiras, alguns outros exemplares da flora amazônica. Assim é o Herbário da Uepa, cuja sigla MFS, homenageia a professora doutora Marlene Freitas da Silva, uma das referências na região amazônica quando o assunto é botânica.

Na Amazônia, segundo dados do Museu Paraense Emílio Goeldi (PMEG), a diversidade da flora compreende aproximadamente 30.000 espécies, cerca de 10% das plantas de todo o planeta. Diante dessa biodiversidade, desde 2011, o espaço busca a preservação de espécimes e a criação de um acervo científico sobre a flora regional, em Belém. Atualmente, abriga cerca de 4 mil amostras de plantas desidratadas, flores, grãos de pólen, frutos e sementes coletadas no Pará, Amazonas, Maranhão e Mato Grosso. A coleção está disponível para alunos de graduação e pós-graduação da Uepa e de outras instituições, estudantes dos ensinos fundamental e médio, professores, pesquisadores e interessados no assunto.

"Iniciamos este projeto e vislumbramos sua expansão e a popularização dos conhecimentos gerados a partir do nosso banco de dados. O Herbário deve atender aos alunos da Uepa, das escolas da educação básica, professores e pesquisadores. Um herbário fechado e sem circulação é um cemitério de plantas", afirma a curadora do espaço, professora Flávia Araújo Lucas.

O Herbário tem como principal papel preservar a biodiversidade, incluindo as plantas em constante ameaça ou as que estão associadas ao conhecimento tradicional dos povos amazônicos. "Estamos coletando do ambiente natural e conservando no acervo. A contribuição maior é de conservação,

◀ Tradicional entre os paraenses, o açáí também faz parte da coleção disponível no Herbário da Uepa



Foto Mácio Ferreira

pois se os herbários não existissem, como os pesquisadores identificariam suas amostras? ”, indaga a curadora.

Com apenas três anos de criação, o Herbário da Uepa é oficialmente registrado na Rede de Herbários do Brasil e no Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia em Biodiversidade e Uso da Terra da Amazônia (INCT). E, em breve, quando chegar a um total de 5 mil amostras, o espaço terá o registro internacional junto ao Index Kewensis, uma base de dados administrada pelo Jardim Botânico Real de Kew, em Londres, na Inglaterra.

Para alcançar esta meta, o Herbário conta com o apoio dos bolsistas e estagiários da Uepa e com o apoio de doações provenientes do MPEG e da Embrapa Amazônia Oriental. “Basta ter planta em alguma área nos arredores de Belém que a gente coleta. Pode ser na cidade, numa área florestal, num parque... Além disso, temos colegas no Museu Goeldi que vivem em viagem de campo e separam materiais para o MFS. Graças a essas expedições, conseguimos amostras de lugares distantes”, conta Flávia.

Para a professora, somente com a interação entre as instituições é possível articular ações para a preservação do meio ambiente. “Este é mais um espaço de conservação das plantas

▲ Amostras de madeira, incluindo as ameaçadas de extinção, também estão ao alcance do público

**A diversidade da flora amazônica compreende 30 mil amostras. Pelo menos, 4 mil delas estão disponíveis ao público por meio do Herbário da Uepa.**

▶ Ao lado, Castanha do Pará é um dos frutos estudados pelos pesquisadores do Herbário MFS. Acervo está à disposição do público, estudantes, pesquisadores e profissionais da área

amazônicas. Numa região em que há muitas lacunas de coletas, com inúmeras áreas que nunca foram visitadas, ter mais um espaço do patrimônio vegetal é somar e cuidar deste patrimônio. Então, nós nos unimos numa força tarefa, uma rede integradora de conservação de plantas”, ressalta.

Ao lado dela, uma equipe de nove pessoas, entre bolsistas e estagiários, trabalha para além da coleta do material. Toda a equipe está envolvida na atualização do acervo atualizado e na produção de pesquisas científicas. Victor Miranda Leão, 19 anos, faz parte da equipe. O estudante do primeiro ano do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, com habilitação em Biologia, conheceu o Herbário em 2013, durante uma palestra na semana do calouro. O encantamento com o trabalho foi à primeira vista e hoje, ele é um voluntário do espaço.

“Nunca gostei muito de Botânica, mas a professora passa para gente umas informações tão valiosas, que fazem a gente entender melhor. Mas o que mais me atraiu foi a importância científica do lugar. Aqui a gente aprende não só o trabalho teórico, mas também o prático sobre a nomenclatura, coleção de flores, fungos, política de doação”, enumera Victor.

O aluno destaca, ainda, que os aprendizados do dia-a-dia o tornam capaz de entender a relação entre a sociedade e o meio ambiente e a aplicar esses conhecimentos em suas experiências futuras como professor-pesquisador na área. “Fazemos também a nossa prática científica, com resumos e artigos, vamos divulgar os trabalhos em congressos internacionais e ministramos oficinas. Eu aprendi a gostar porque a Botânica no ensino médio é de uma maneira mecânica, mas aqui é mais didático do que você pode imaginar”, finaliza o estudante que já se considera em seu primeiro estágio. ✖



Foto Mácio Ferreira



Foto Mácio Ferreira

### Gostou? Faça uma visita!

O ambiente é aberto para visitação do público interno e externo e está localizado no Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) da Uepa, no prédio do Castelinho, 2º andar. O CCSE fica na travessa Djalma Dutra, s/n, entre as ruas do Una e Municipalidade, no bairro do Telégrafo.

#### Parceria

Se você se interessou e quer ser parceiro do Herbário, entre em contato pelo (91) 9981 3133 ou pelo email [copaldoc@yahoo.com.br](mailto:copaldoc@yahoo.com.br).



Foto Mácio Ferreira

◀ De mãos dadas rumo ao desenvolvimento, os estudantes da Uepa e do ensino fundamental trocam experiência durante atividades de educação ambiental.

### Mande sua foto

Participe da galeria da Saber Amazônia e tenha sua imagem publicada. Envie seu registro para: [ascom.uepa@gmail.com](mailto:ascom.uepa@gmail.com)

Da esquerda para a direita, aluna encanta público durante apresentação do Projeto Orquestra

Estudantes interagem no Projeto "Vem Brincar na Praça"

Árvore do conhecimento é atração na Feira do Livro



Foto Mácio Ferreira



Foto Miguel Alves



Foto Mácio Ferreira

Da esquerda para a direita, Parque aquático da Uepa recebe atletas para mais uma competição

Gabriel Venturieri, de 10 anos, aprende matemática com elementos lúdicos no Centro de Ciências e Planetário da Uepa



Foto Mácio Ferreira



Foto Miguel Alves



Foto Mácio Ferreira

## Indígenas buscam ensino superior para garantir seus direitos

Licenciatura Intercultural Indígena é oferecida desde 2012 pela Uepa. O curso é construído de acordo com as demandas das etnias e tem contribuído para o fortalecimento de suas lutas políticas e para a produção de conhecimento.

Por Janine Bargas

**N**a Amazônia, a diversidade biológica e cultural atrai os olhares de todo o mundo. Uma das formas de observar essa diversidade é olhar para as etnias indígenas que vivem na região, sobrevivendo em suas condições territoriais e sociais e que, hoje, compreendidas como povos e comunidades tradicionais, estabelecem relações com um passado histórico atualizadas no tempo presente. São cerca de 896,9 mil indígenas distribuídos pelo território nacional, segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desse total, 342,8 mil vivem na região Norte.

Em 2012, o curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Uepa foi criado para atender às especificidades das comunidades indígenas do Pará, a partir da demanda e dos critérios das próprias comunidades, obedecendo a normas nacionais, como a Constituição Federal de 1988, e internacionais, como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Os textos legais, que fazem parte da ordem jurídica do Brasil, estabelecem, entre outros pontos, que povos indígenas e tribais devam ser prioridades na elaboração de políticas públicas e consultados sobre projetos ou programas que os impactarão de alguma forma. No artigo sétimo da Convenção 169, ratificada pelo Brasil em 2004, fica claro que “a melhoria das condições de vida e de trabalho e do nível de saúde e educação dos povos interessados, com a sua participação e cooperação, deverá ser prioritária nos planos de desenvolvimento econômico global das regiões onde eles moram”.

◀ Processo Seletivo para indígenas é marco na história da Uepa: respeito às diversidades

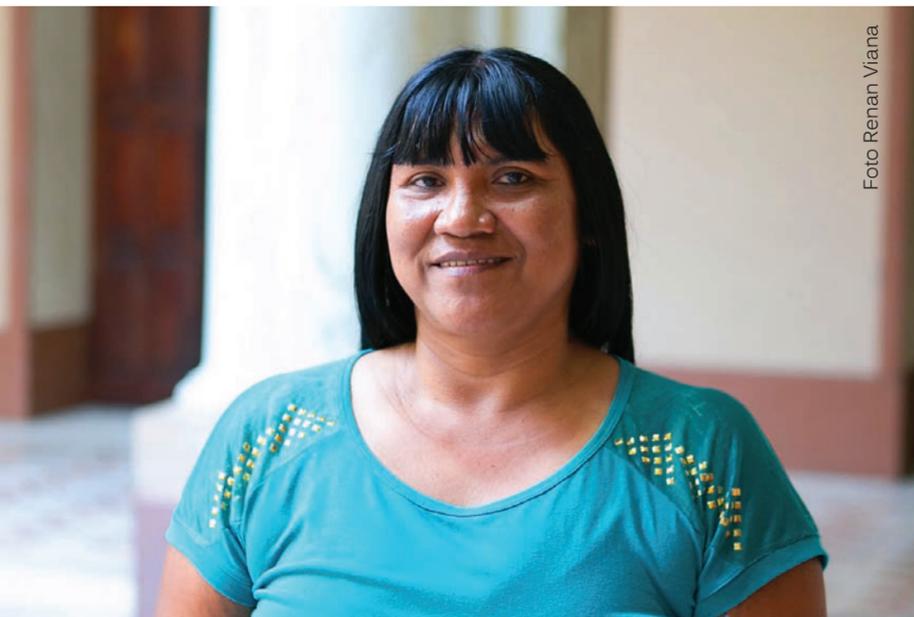


Foto Renan Viana

“A licenciatura fez enriquecer mais o meu pensamento. Eu não sabia como começar, como fazer os nossos jovens passarem a gostar da nossa cultura.

Rããkrê Gavião

A preocupação com direitos, como a educação, está presente na fala e na vida da indígena Rããkrê Tembê Jathiati Parakatêjê, da aldeia Gavião Parakatêjê, localizada no município de Marabá, na região Sudeste Paraense. Desde criança, Rããkrê manifestava interesse nos traços culturais de seu povo. Olhava detida ao processo de pintura dos corpos, na interpretação de cada traço, figuras e símbolos.

Enxergar na pintura corporal as condições de reprodução social de sua etnia levou Rããkrê a aprender a pintar e a ensinar a pintura aos mais jovens, lecionando na escola da aldeia, repassando conteúdos da disciplina Cultura e Identidade. “A educação na aldeia é uma educação diferenciada. A gente passa o conhecimento do branco para nossas crianças, nossos alunos, e a da nossa cultura. A gente tá querendo igualar a essa educação, não ficar só o português e deixar nossa cultura em baixo. Queremos tanto que eles aprendam o português, como eles saibam do seu costume, da sua história, da nossa comunidade. Isso vai ser muito importante para o futuro deles, para nosso futuro”, afirma.

Hoje, ela é aluna do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Uepa. “A licenciatura fez enriquecer mais o meu pensamento. Eu não sabia como começar, como fazer os nossos jovens passarem a gostar da nossa cultura. Aí foi quando a licenciatura veio. Ela me deu esperança, parece que ela me incentivou, ela me fez olhar lá na frente, ela me fez criar coragem de lutar por aquilo que eu queria, mas que eu não sabia como”, ressalta Rããkrê.

Também aluno do curso, Piná Tembê, de São Miguel do Guamá, região Nordeste do Pará, considera fundamental a contribuição da Licenciatura para a luta pelos direitos indígenas. “Esse é um curso que foi discutido e criado com a gente e que responde às nossas demandas. Temos a expectativa que esse curso vai mudar as nos-

Indígenas buscam curso na perspectiva de mudar as armas de luta

sas vidas, nos ajudar a trocar as nossas armas de luta. Temos um curso que não se impôs na comunidade e nós estamos muito satisfeitos”.

Para a coordenadora do curso, professora Joelma Alencar, a formação específica contribui para a supressão de dificuldades em torno da educação indígena de base e para a produção de conhecimento. “Essa é uma necessidade de vários povos aqui do Pará, porque nas suas aldeias ainda existem muitos professores não-indígenas atuando. E, devido às características da educação escolar indígena, que deve ser específica, diferenciada, bilíngue, multilíngue, intercultural, a formação dos professores deve atender a essas necessidades”, afirma.

A trajetória do curso também tem denotado o envolvimento dos alunos indígenas, que alcançam excelência em seus trabalhos acadêmicos e proeminência nos debates políticos. “Os alunos são muito dedicados, inclusive, os relatos dos professores sempre manifestam que há um grande interesse dos estudantes. A evasão é muito baixa, porque os alunos também estão envolvidos com o projeto da comunidade. Então, a responsabilidade e o compromisso são intensos com o curso. E a universidade, pelo relato dos alunos indígenas, tem contribuído para o desenvolvimento da própria comunidade, seja pelo fortalecimento cultural, como na apropriação dos conhecimentos não indígenas”, ressalta a coordenadora.

No mês de maio deste ano, o curso de Licenciatura Intercultural Indígena recebeu o reconhecimento do Conselho Estadual de Educação do Pará (CEE). O curso iniciou com 3 turmas em 2012, e, em 2013, mais duas turmas ingressaram. A previsão é que, em 2015, 3 turmas sejam abertas. ✕



Foto Mácio Ferreira

# De estud ante a professor: sonho realizado

Anderson Maia foi aluno de Pedagogia, vivenciou experiências extensionistas e hoje colhe frutos da relação baseada entre os conhecimentos teóricos e práticos

Por Miguel Alves

◀ Segundo o professor, seminários e congressos são iniciativas que ajudam a alcançar o sucesso na vida profissional

Professor e atual diretor de Extensão da Uepa, Anderson Maia começou a trilhar seu caminho na Instituição desde cedo. Em 1998, ingressou por meio do Processo Seletivo (Prosel) no curso de Pedagogia, onde participou e vivenciou intensamente a pesquisa, o ensino e a extensão que a Universidade lhe ofereceu.

“Os quatro anos de acadêmico foram muito bons, até conceituo como ótimo, porque eu vivenciei bastante a academia. Eu não passei apenas pela Universidade, eu vivi todos os momentos que foram importantes para adquirir muitos conhecimentos para a minha vida profissional”, ressalta.

Ao longo da graduação, Anderson Maia participou de projetos de pesquisa voltados para a educação de jovens e adultos, integrou o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), fez parte do Programa de Alfabetização Solidária da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Uepa, além de ter passado pelo Programa de Monitoria durante dois anos. “Minha experiência como monitor da disciplina Didática oportunizou que eu tivesse a vivência com a educação e o ensino superior, tendo uma experiência de trabalhar como professor dentro da sala de aula”, afirma.

Devido a essas vivências, que ele considera fundamentais para o ingresso na área docente, grandes foram as influências para que Anderson contribuísse com a Universidade e a sociedade. “Muitos amigos de turma, quando eu fazia graduação, diziam que eu ia me formar no curso de Pedagogia, ia fazer especialização pela Uepa,

ia trabalhar na Universidade e também ia ser professor da Instituição e, graças a Deus, foi exatamente isso que aconteceu”.

Pós-graduado em Gestão Escolar, a primeira especialização gratuita da Uepa, o professor lembra que esta conquista foi o resultado de uma luta dos alunos de Pedagogia da Universidade. O sonho coletivo foi um marco na história do curso. “Me formei na Uepa e estou dando a contribuição depois de formado, com o acúmulo de conhecimentos que obtive durante a graduação e também, incentivando aqueles que têm o sonho, de assim como eu, se tornar um professor universitário, de trabalhar dentro da Universidade. O sonho que eu tinha era de seguir exatamente o caminho que estou trilhando”, lembra o professor.

Como diretor de extensão universitária, ele afirma que a atividade é o diferencial na vida acadêmica dos alunos. “A extensão alia o conhecimento teórico com o prático. O aluno pode desenvolver e oportunizar, para a comunidade externa, o que nós, da família Uepa, desenvolvemos dentro da academia na área da saúde, na educação, na tecnologia, e nas principais áreas de conhecimento”. E completa: “O conselho a seguir para trilhar um caminho de sucesso dentro da Universidade é participar de encontros, seminários, congressos, ou seja, é sempre estar em busca da qualificação, da reciclagem de conhecimentos e saberes”. ✕



# Divulgação Científica e Popularização da Ciência: a experiência do Centro de Ciências e Planetário do Pará

Por Sinaida Maria Vasconcelos\*

A Ciência e a Inovação Tecnológica constituem elementos fundamentais para o desenvolvimento nacional. Na sociedade contemporânea, uma população cientificamente alfabetizada é condição essencial para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Nesse contexto, a popularização da ciência se coloca como importante fator para o processo de construção de uma cultura científica entre os cidadãos brasileiros. No entanto, é ainda limitado o quadro da divulgação científica e tecnológica no país.

Os espaços científico-culturais brasileiros, especialmente aqueles com características interativas, ainda são relativamente poucos, e apresentam distribuição muito desigual pelo território nacional, tendo uma capacidade restrita para promover a divulgação científica em grande escala. Essa desigualdade regional evidencia-se ainda mais fortemente na Região Norte do Brasil. Diante desse cenário, a Universidade do Estado do Pará tomou como desafio proporcionar à sociedade paraense uma aproximação com a ciência e a tecnologia, a partir da implantação do primeiro espaço com características de Centro Interativo de Ciências da região. Assim, foi inaugurado em 2012 o Centro de Ciências e Planetário do Pará – CCPP, fruto da transformação do até então Planetário do Pará Sebastião Sodré da Gama.

◀ Interação, conhecimento científico e muita diversão fazem parte das atividades do Centro de Ciências



Foto Miguel Alves

Com a missão de tornar possível à população em geral um contato mais próximo com as diversas áreas do conhecimento científico-tecnológico, por meio de estratégias educativas capazes de promover um aprendizado de forma prazerosa, sem perder a profundidade e a complexidade desse tipo de conhecimento, o CCPP vem ao longo desses dois anos, somados aos treze do Planetário, atendendo a população paraense e em especial o público estudantil.

O CCPP desenvolve diversas ações de educação não-formal elaboradas a partir das áreas temáticas em que os espaços se encontram estruturados: Biologia, Física, Química, Matemática, Astronomia, Geologia, Saúde e Meio Ambiente. Essas ações estão representadas por palestras, oficinas, observações astronômicas, programas de cúpula e visitação livre ou monitorada. Todas as atividades são executadas por uma equipe multiprofissional, composta por professores, técnicos e estagiários, que trabalham a partir de princípios da interdisciplinaridade, interatividade e ludicidade. Atualmente, o CCPP atende, mensalmente, em torno de 34 Escolas da Rede Pública e Privada da cidade de Belém e de outros municípios do Estado, com uma média de 1000 alunos/mês.

▲ Física, matemática e biologia são alguns dos saberes vivenciados diariamente por alunos e professores

### Participe

Tenha seu material publicado. Envie seu artigo para [ascom.uepa@gmail.com](mailto:ascom.uepa@gmail.com)

Jogos educativos ▶ são fundamentais para estimular a aprendizagem de crianças e adolescentes



Foto Bianca Almeida

**\*Sinaida Maria Vasconcelos**  
Mestre em Educação em Ciências – Universidade Federal do Pará (2004)  
Doutora em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2010)  
Atual Diretora do Centro de Ciências e Planetário do Pará

Desde maio de 2014, o CCPP vem replicando nos municípios do Pará as ações desenvolvidas na capital, por meio do Projeto Desvendando os céus do Equador: o Planetário do Pará no interior amazônico, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo objetivo principal é difundir a ciência no Estado, a partir das sessões de cúpula do Planetário Móvel, associadas às atividades que complementam as informações e temas abordados durante as sessões. Até o momento o Projeto já visitou seis municípios, atendendo aproximadamente 2.500 pessoas, contribuindo assim, para o desenvolvimento, ampliação e aprimoramento da rede de popularização da ciência no país, especificamente na região amazônica. ✘



Foto Mácio Ferreira

# CENTRO DE SAÚDE ESCOLA

33 ANOS A SERVIÇO  
DA COMUNIDADE

Foto Mácio Ferreira



A Unidade de Saúde reúne 212 profissionais, entre médicos, professores, residentes e estagiários, que realizam aproximadamente 18 mil atendimentos mensais. É referência no Estado e no dia a dia, alia a prestação de serviços ao ensino.

**GOVERNO DO  
ESTADO DO PARÁ**

Universidade  
do Estado do Pará - UEPA